

# Na Vila, 16 vivem em um quarto

O próprio nome "Vila da Miséria", que os 20 mil moradores da Expansão do Setor O deram ao local, reflete bem uma das áreas mais pobres da Ceilândia. Segundo os moradores, é um dos maiores an-  
tros de drogas, criminalidade e falta de infra-estrutura social da cidade. Nascem tantas crianças no local que foi criada a "Associação das MÃes Unidas da Expansão". Segundo a presidente Neiva Lúcia Gino Cunha Santos, a entidade "cuida de tudo".

"Fazemos um esclarecimento junto às mulheres sobre planejamento familiar, nossa maior preocupação aqui", diz Neiva Lúcia, nomeando moradoras que chegam a ter 14 filhos. A maior reivindicação da associação é, no momento, o "cascalhamento" da vila, ou seja, tapar os buracos que impedem o acesso de carros. Outra reivindicação, que ela considera essencial, é que "o Governo não aumente a Ceilândia, mas melhore a infra-estrutura das áreas já construídas".

O Colégio 56, o mais próximo da Expansão, não ofereceu vagas para todos os estudantes e a presidente Neiva Lúcia diz que está ameaçado de fechamento devido à falta de professores e funcionários. "O Fábio Bruno (secretário da Educação) diz que não pode contratar", reclama Neiva.

## Sinal

A lavadeira Josefa Ferreira Nunes é um exemplo típico de moradora da Expansão do Setor O.

No mesmo quarto, convivem ela, seu marido, Ireno Fernandes e 14 crianças menores, sendo quatro crianças de sua irmã, Neuma Ferreira Lima. Eles vivem na "Invasão da Expansão", um conjunto de barracos na lateral da vila. "Não há vagas nas escolas, temos duas meninas sem estudar, uma de sete e outra de nove anos", reclama dona Josefa.

Além dos problemas de falta de infra-estrutura, Josefa Ferreira Nunes reclama também de um problema pessoal: a pobreza. "Não tem como comprar cobertores e nesta época os meninos passam frio". O marido dela é servente e ganha o salário mínimo, e a irmã não trabalha. A reivindicação principal dela é um sinaleiro na pista que corta a lateral da invasão, onde, garante, já morreram três crianças atropeladas. Ela também reclama da violência infantil: "Os ladrões aqui batem e tomam os livros dos meninos. Assalto aqui é comum, igual comer arroz com feijão", diz Josefa.

O aniversário dos 17 anos de Ceilândia pouco ou nada significa para os moradores da Expansão do Setor O. Poucos são os moradores que sabem da festa e nenhum vai comemorá-la. Nestes três anos de "Vila da Miséria", eles pedem que o GDF dê maior atenção aos problemas enfrentados pelo local. "A vila precisa de maior atenção. Vamos continuar lutando para melhorar o local", diz a presidente da Associação das MÃes Unidas.

Ivaldo Cavalcante



*Na Vila Miséria, 20 mil pessoas vivem em condições subumanas*